



CATARACTA DO RHENO PROXIMO A SCHAFFHAUSEN, NA SUISSA

Apresentamos aos nossos leitores a vista da ponte da cataracta de Reno, e suas immediações, como um dos mais interessantes pontos atravessados pelas linhas ferreas suissas.

Primeiramente projectava-se estabelecer n'aquelle espaço, que de margem a margem mede quinhentos e noventa pés, uma ponte de ferro descansando sobre dois ou tres pilares d'alvenaria. Ao arrojo e perseverança dos engenheiros se deve o levar-se ao fim uma ponte fundida, como muito mais propria e solida para o trajecto de grandes e pesados trens. Encontraram-se com effeito

felizmente no leito do rio rochas, que deviam servir de cimento aos pilares. Mediante um dique de alvenaria de mil pés de comprimento, e um canal, se conseguiu desviar a corrente principal, para se estabelecerem no fundo do leito, cuja profundidade é de dezoito pés, as obras d'arte.

A via ferrea denominada da cataracta do Reno, entre Winterthur e Schaffausen será uma das mais interessantes que presentemente existem na Europa.

## VINGANÇA POR VINGANÇA.

IX

MANUSCRITO DO PADRE GASPAR.

## Continuação

«Muitos mezes se passaram sem a tornar a ver.

«Debalde percorri aquelles sitios e arredores. Acompanhava-me sempre a visão, mas a realidade não a podia encontrar.

«Aquella mulher era mysterio para mim. Assim como repentinamente me apparecera, repentinamente me fugira, sem deixar apoz si vestigio por onde podesse tornar a encontral-a.

«Mezes decorreram, como disse, sem que pessoa alguma da vizinhança da quinta, em vista da descripção que lhe fazia das feições da minha incognita, me podesse dizer quem ella era, nem d'onde viera!

«Tão sobrenatural parecia a narração d'este amor insensato, que cheguei a despertar compaixão n'aquella póbre gente que me reputou um louco.

«Por fim, de robusto que era, me achei quebrado e abatido; de estudioso, transformado n'um desmemoriado, indolente e estúpido. Só tinha memoria para um sonho que me perseguia e atormentava continuamente; só tinha presteza para correr o dia inteiro por aquelles arredores em sua procura; só tinha esperteza para interrogar os ceos, a atmospherá, o espaço, a terra, os arbustos, as plantas, enfim a natureza inteira, se acaso a tinham visto, e perguntar aos eccos d'aquelles valles se porventura algum dia repetiram o seu nome.

«Tudo, porém, era insensível em torno de mim; e se até ali muda fôra a natureza, muda continuou a ser ás minhas interrogações.

«Só no meu coração havia uma voz que respondia sempre a todas estas perguntas; uma voz que me animava ao erguer da aurora para continuar nas pesquisas que na vespera haviam sido baldadas, e á noite me alentava esperanças para não desanimar—uma voz que me despertava quando eu dormia, ou me perseguia quando acordado.

«Esta voz repetia-me aquellas palavras:

«*Um dia!*»

«Uma tarde—e era a ultima em que n'aquelle estio havia percorrer os sitios onde a tinha encontrado—alonguei meus passeios mais que do costume, e achei-me não sei como n'uma azinhaga que me era inteiramente desconhecida.

«Convidava-me a frescura da sua sombra a internar-me por ella, porque os alamos e carrasqueiros, que de um e outro lado a bordavam, não lhe deixavam penetrar os raios do sol.

«Quasi ao terminar da lameda vi uma cabana feita de colmo e vime, á porta da qual brincavam umas creanças os jogos infantis proprios da sua idade.

«Ao lado da cabana estava uma casinha de aldêa, alvasinha como o jaspe, respirando pobreza, e ao mesmo tempo aceio.

«O coração sobresaltou-se-me ao contemplal-a.

«Não sabia dizer o porque, mas ficava-me ali presa a alma e a vida.

«A força da attracção chamava-me a entrar: o receio de ser mal recebido pelos seus moradores repellia-me.

«Seis vezes a percorri em torno: outras tantas parei á porta.

«Por fim resolvi-me a penetrar no interior.

«Uma creança que brincava junto á cabana, vendo-me entrar, deu um grito, e correu.

«Foi postar-se de guarda á um cabasinho de vime, que continha um lindo ramallete de flores, meio tapado com um lenço de cambraia.

«Como me aproximasse do cesto para examinar mais de perto aquellas flores, a creança, segurando-me o braço, exclamou:

«— Não as tire, meu senhor... não as tire. São para a minha madrinha.

«— E quem é a sua madrinha?

«— Chama-se Beatriz. E' o meu anjo.

«— O seu anjo!... Muito bonita deve ser ella, para assim lhe chamar. Quem o ensinou a dar-lhe esse nome?

«— A avósinha... E', sim senhor; é muito bonita como o senhor disse. Todas as manhãs, quando me levanto, rezo por ella... Quer ouvir a minha oração?

«— Sim: quero.

«— Virgem, que sois minha protectora e guarda, eu vos peço que o sejaes também da minha madrinha, que me dá pão para comer, e vestidos, e sapatos, e bonitos para brincar...

«E aqui se interrompeu, e apontando para um boneco disse:»

«— Vê aquelle boneco? Deu-m'o o outro dia que veio cá.

«Depois continuou:

«— ... Peço-vos que lhe façaes quanto ella de-sejar, que lhe deis muita saude para ser o meu amparo, e do meu pequenino Affonso, e nos mandar ensinar a ser homens...

«Outra vez se interrompeu.

«— Vê aquelle lenço que cobre o ramallete?... E' d'ella; esqueceu-lhe cá n'outro dia.

«Peguei rapidamente no lenço, e encontrei a mesma marca que tinha o outro que no dia do meu encontro achei no logar onde estivera sentado.

«Descrever o meu transporte não é possível. Cheguei mil vezes aquelle lenço ao peito, e outras tantas o beijei.

«A creança olhava para mim admirada, com reconhecida especie de emoção, e por fim disse:

«— O senhor também gosta da minha madrinha?

«— Sim. Amo-a, e amo-a muito. Bem disse o menino que ella é o seu anjo... também é o meu.

« — Então acabe comigo a oração a Nossa Senhora.

« E pondo as mãos continuou:

« — . . . Nunca a desampareis, e as tribulações do mundo não a afflijam. Dae-lhe a vossa mão no caminho da vida, e se a minha existencia fór precisa para remir a sua, eu a entrego a vosso amado Filho.

« E estas palavras que a creança dizia sem lhe entender o sentido, eu as repetia com fervorosa intenção.

« Neste comenos uma voz, de timbre harmonioso, disse:

« — Joaquim, que fazes ahí?

« A creança correu á pessoa que acabava de entrar; abraçou-a, e cobrindo-a de beijos, respondeu:

« — Madrinha, rezava por ti.

« Apertei convulso o lenço de encontro ao meu coração, e curvando-me reverente ante a realidade do meu sonho e da minha visão, disse-lhe com uma voz bastante tremula:

« — E eu acompanhava-o na oração pelo nosso . . . pelo seu anjo! . . . Possa a Mãe do Homem-Deus ouvir as preces da innocencia, e as supplicas do amante:

« E depois, beijando-lhe uma das mãos que apertei entre as minhas, accrescentei:

« — Perdoae, senhora, o delirio de um insensato. . . perdoae-lhe, porque vos ama e muito; e desde esse dia que vos encontrou não teve mais uma hora de socego.

« E senti sobre a minha mão cair uma lagrima que, rebentando-lhe dos olhos, lhe escorregou pela face.

« Era ardente como a lava d'um volcão.

« Soltando a mão d'entre as minhas apontou para uma cadeira, convidando-me a sentar.

« Obedeci.

« Depois, voltando-se para o pequeno Joaquim, e dando-lhe um beijo, perguntou:

« — Onde está tua avó?

« — Não pode tardar. Foi a casa de minha mãe, e ha muito tempo que já está fora.

« — Vae chamal-a, e volta immediatamente para aqui.

« Depois puxando outra cadeira para junto da minha, disse:

« — Estimo que o acaso nos reunisse ainda uma vez. Quero desvendar-vos, e acabar com essa illusão em que viveis. . .

« — Ah! senhora! . . . nunca.

« — Deixae-me continuar, e não me interrompaes. Sei mui bem que desde aquella tarde em que vos encontrei dormindo, fui innocentemente a causa de perderdes socego e tranquillidade. Acredita-me: foi minha intenção não passar além de um gracejo. Lembrou-me collocar-vos na cabeça aquella corôa de malmequeres que eu ia tecendo para uma das creanças d'esta casa; mas não fui tão subtil quanto era preciso. Repetieis n'essa occasião algumas palavras de um sonho, e essas palavras; que bem distinctamente per-

cebi, fizeram tremer-me a mão. Eis aqui, senhor, as minhas escusas. Agora tudo deve terminar entre nós.

« — Terminar! repeti eu com uma força de expressão que a fez sobresaltar. Terminar! . . . Seria necessario que ao acordar d'esse sonho eu me não tivesse encontrado com a realidade! Seria preciso que d'essa tarde para cá vos não tivesse procurado por toda a parte como um insensato. . . que me não houvesse costumado a ver-vos em tudo quanto me cercava. . . que se me não figurasse ouvir a vossa voz no doce susurro da brisa, e no manso murmurio das aguas do ribeiro. . . que, finalmente, não encontrasse em tudo que me cercava eccos, inspirações e brisas que me diziam amor!

« — Não sou a mulher que vos convem. Olhae para mim, encarae-me bem. Os encantos de que me adornaes só existem na vossa imaginação.

« — Estaes enganada. Sois a mulher que busco, e ha muito sonhei nos meus sonhos de infancia. . . Sois o meu anjo da guarda—aquella, cuja aproximação reconheço pelos sobresaltos que me dá o peito, e cuja ausencia choro e lastimo quando vos não encontro junto a mim.

« — E se eu não puder amar-vos?

« — Consenti pelo menos que vos adore. . . Mas não me fujaes. . . Deixae-me ao menos uma esperanza. . .

« — Até isso me é prohibido!

« — Pelo que, senhora? disse eu erguendo-me. Acaso já sois casada?

« — Não. Respondeu mudando de côr. Eis ahí a minha desgraça.

« — A vossa desgraça. . . sim, ella é a minha felicidade. Isso a que chamaes desgraça é a minha vida, porque me não mata a esperanza.

« — Sois muito egoista!

« — Da felicidade reciproca de um e outro, porque passando os meus dias a vosso lado, contal-os-hei pela obediencia ás vossas ordens; pelo sonhar das vossas vontades para as satisfazer. E quando, ao cabo de muitos annos, recordarmos esse tempo que tivermos vivido unidos, será sómente para dizer um ao outro quanto temos sido felizes.

« Beatriz estremeceu, levantou-se, e com a voz bastante commovida respondeu:

« — Esse amor é impossivel.

« E n'este momento entrou Joaquim, trazendo pela mão outra creancinha de dezoito mezes. Beatriz correu para esta e cobriu-a de beijos.

« Ouvi-lhe então murmurar estas palavras apenas intelligiveis:

« — Seria insensato. . . seria um perjuro. . . Meu Deus, meu Deus, que prova tão terrivel!

« E quasi desfallecida deixou-se cair outra vez sobre a cadeira.

« Avancei para ella, e disse-lhe:

« — Se não sois casada. . . se sois livre. . . que vos impede de corresponder-me?

« — O destino!

« — Oh! eu o despedaçarei! Juro que heide

obrigar esse destino de ferro, que se interpõe sempre á minha felicidade, a curyar-se-me ante a vontade.

«— Nunca.

«— E porque nunca ?!

«A sua resposta foi apontar para o pequenino, que brincava sentado no chão.

«Joaquim, parecendo-lhe comprehender aquelle gesto, pegou no pequeno e apresentou-o á sua madrinha. Beatriz, sentando-o no collo, disse como fallando com a creança :

«— Sim, nunca te heide abandonar.

«— Se é unicamente essa creança, repliquei eu, fragil obstaculo ; porque não sou cioso do amor que lhe tendes. Amal-a-hei tambem, e seremos dois a amar-vos. Juraste, talvez, fazer a sua felicidade ; eu me comprometto por igual promessa, e seja essa creança o laço que prenda nossas mutuas affeições.

«— Não... não é possível... nunca!

«E ergueu-se precipitadamente.

«— E porque não, e porque nunca ? disse eu segurando-lhe arrebatadamente a mão. Em troco do meu livro entregaste-me uma pagina de amor para n'ella aprender como se ama... Decorei a lição. Oh ! por piedade, não me crieis n'alma um inferno.

«— Esse livro, senhor, esqueceu-me por acaso. Não foi intenção... perdoae...

«— Ainda outra esperança desvanecida... ainda outra ferida no coração ! Ah ! senhora ; a virtude que repelle é peor do que o vicio que afaça para matar... Mas não sois tão cruel... como o quereis fingir... não... o rosto desmente essas palavras. A vossa alma não pode ser cruel... Debalde afastaes de mim os olhos. Atravez elles leio amor !... Oh ! deixae-me embriagar na minha felicidade... permitti que os labios se me descerrem para proferirem o que vae por dentro do coração... E' um fogo que abrasa, mas não queima... é um veneno que consome, mas não mata... é uma existencia inteira resumida em um unico sentimento — o amor... Careço d'elle para viver. E assim hade ser... Veda-vos o pudor revelar o que vae por vossa alma ? Prendem-se-vos os labios para não o confessar ? Pois bem ; resta-me um meio... A mim pertence quebrar este encanto fascinador sob o peso do qual gememos... Reconheço, senhora, que a acção é atrevida, porém a victoria nunca pertenceu aos covardes...

«— Que pretendeis, senhor ? replicou ella afflicta e anciada. Quaes são essas tenções ? disse recuando um passo.

«— Depressa as conhecereis. Não valeram rogativas ; valha a lava ardente que transborda d'esta alma, e que já não posso conter no volcão que me abrasa. Seria submisso e respeitoso, se uma palavra de esperança viesse alimentar-me este amor : sou atrevido e ousado, depois d'este momento que talvez seja o unico em que nos juntamos sobre a terra. Quero deixar-vos eterna memoria d'este nosso encontro.

«E assim fallando, imprimi-lhe um beijo na face.

«Tentou repellir-me, mas já era tarde.

«— Margarida ! Margarida ! gritou ella espavorida. Este homem mata-me !...

«E n'este momento abriu-se a porta, e entrou a boa velha por quem ella chamava.

## O CEREEIRO VEGETAL.

Entre os arbustos abundantes, uteis, e não explorados, do estado da Luisiania, ha um que merece a attenção publica ; é o *myrica cerifera*, vulgarmente conhecido pelo nome de *cereeiro da Luisiania*, ou *cereeiro vegetal*.

Este arbusto é da familia da myrrha (*myricæ*), sempre verde, de folhas persistentes, e dentadas : não cresce mais de tres a quatro metros ; cria-se nas beiras dos rios, e geralmente em todo o logar humido e baixo. Dá annualmente um fructo pequenino, muito semelhante na forma e volume aos pimentos francezes. Este fructo que se produz em grupo cerrado em todos os ramos, está coberto de uma materia esbranquiçada e um pouco oleosa. Esta é a cera.

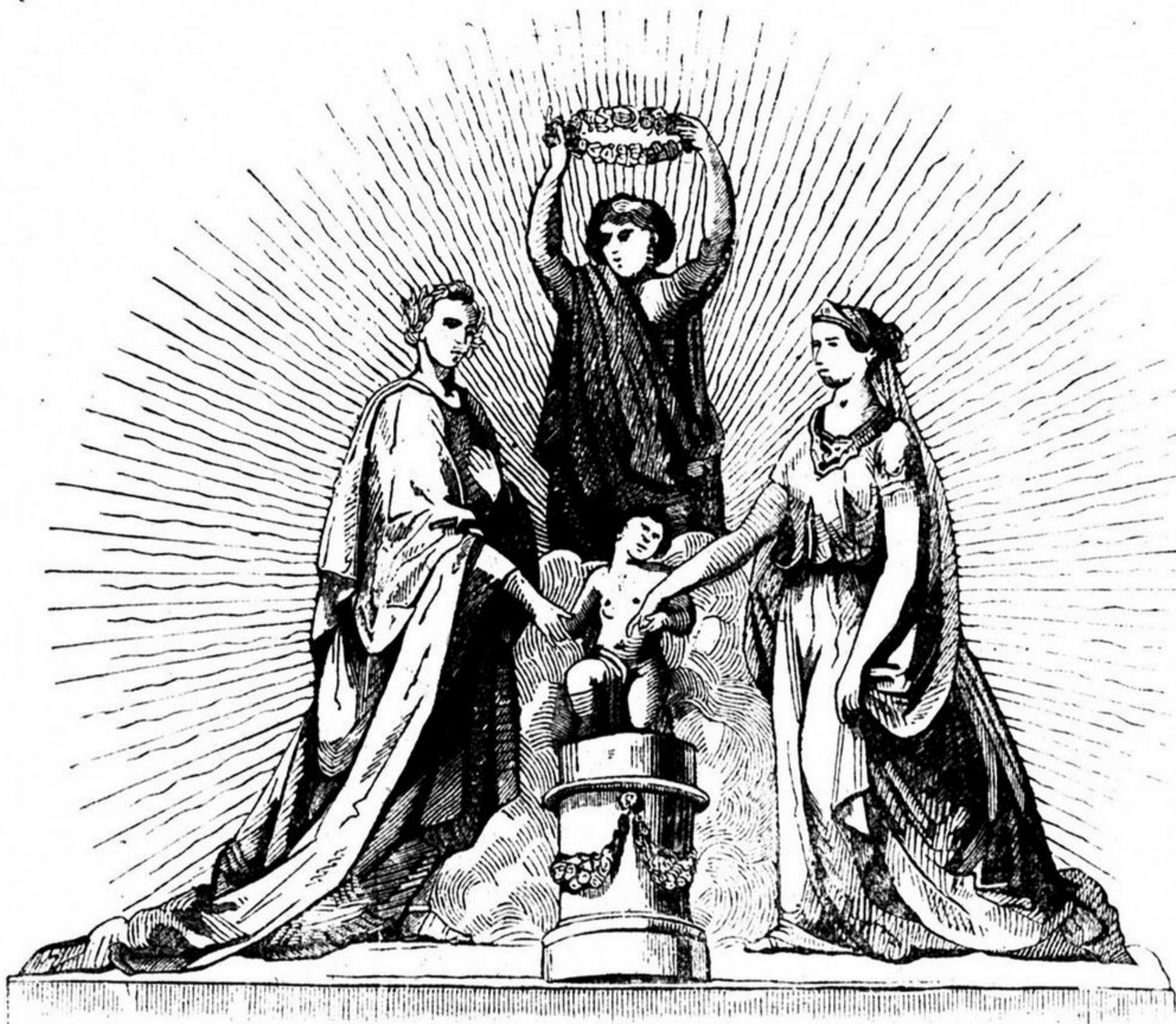
Extrahe-se do seguinte modo : — põe-se ao lume uma caldeira meia de agua ; e quando esta chega ao grau de ebulição, mettem-se-lhe dentro, por dois ou tres minutos, quando muito, os fructos que previamente se encerraram n'uma rêde, cuja malha seja assaz estreita, para não os deixar escapar. Retira-se aquella rêde, e deixa-se escorrer para aproveitar a maior porção de cera. A' medida que a agua arrefece, a cera, que sobrenada, reúne-se formando um corpo compacto, que se retira da caldeira, e assim se entrega ao commercio.

Por algumas tentativas que se tem feito com este arbusto, se conheceu que a *myrica cerifera*, com o cuidado da cultura, produz mór abundancia de fructos, o que augmenta o rendimento da cera.

## PALACIO VATICANO, EM ROMA.

Este palacio não é um edificio de architectura regular, cujas partes se harmonisam com o todo : é uma aggregação de edificios construidos em differentes epochas, e por differentes pessoas. nos quaes comtudo se admiram as bellezas da arte, quando cada um d'elles se examina especialmente.

O papa Simmaco foi o primeiro que fez trabalhar n'este edificio. Entendendo que seria de commodidade para elle, e seus successores terem o alojamento proximo á igreja de S. Pedro, onde habitualmente tinham de ir, fez lançar-lhe os fundamentos. Continuaram a obra aquelles que o seguiram no pontificado ; nenhum porém egualou em magnificencia a Sixto v, que fez



GRUPO QUE ESTAVA EM PROJECTO REMATAR O ARCO DA RUA AUGUSTA POR OCCASIÃO DOS FESTEJOS REAES.

construir a parte a que se chama hoje *palacio novo*, e que embellesou muito o antigo.

Este palacio é contiguo a S. Pedro do Vaticano. Da egreja se sobe para elle por uma magnifica escada, obra de Bernini, ornada por dupla fileira de columnas, e estuques doirados. Entra-se no salão real, que é o mesmo onde o papa dá audiencia aos embaixadores.

Foi architecto d'este salão Antonio Sangallo, que é um dos mais magnificos de todo o edificio. É, d'algum modo, o vestibulo das duas capellas Paulina e Sixtina. Está ornado de bellas pinturas a fresco, da mão de Pierigrino del Vaga; e tem estuques doirados, e grande variedade de quadros. Entre estes sobresaem o da batalha de Lepanto, por Lorenzino de Bolonha; a historia do imperador Barbaroxa, por Salviati; e a do imperador Carlos Magno assignando a doação do exarchato de Ravenna. Nota-se egualmente n'esta collecção o quadro que representa o papa Gregorio XI restabelecendo a santa sé em Roma, por Vasari; e a tomada de Tunis, pelos irmãos Zuccari.

Nos dois lados do salão estão, como dissemos,

as capellas Paulina e Sixtina: a primeira á esquerda, a segunda á direita. É n'uma d'estas capellas que o papa se reveste com os habitos pontificaes quando apparece em publico. Nos seus quartos está sempre vestido de damasco branco, roquete e murça encarnada.

A capella Paulina é obra de architectura de Antonio Sangallo. Contém as duas ultimas obras de Miguel Angelo: a *Crucificação de S. Pedro*, e a *Conversão de S. Paulo*. Os frisos e a abobada foram pintados pelos irmãos Zuccari, e por Sabatani; porém hoje estão enegrecidas pelo fumo dos brandões que ahi ardem durante as orações das quarenta horas, que o papa estabeleceu no primeiro domingo de Advento; e a tal ponto que se acham quasi apagadas as pinturas.

A de Sixto, que fica fronteira a esta, é tamanha que o papa ahi tem capella. N'ella se encontra, entre varias pinturas de Miguel Angelo, o famoso quadro do *Juizo final*.

Bramante, por ciume de Miguel Angelo, que não julgava habil senão em esculptura, para lhe comprometter a reputação, insinuou o papa Julio II a encarregar o grande artista da pin-

tura da abobada d'esta capella. Miguel Angelo accceitou, se bem que nunca pintara a fresco, e mandou vir artistas de Florença para o ajudarem, mas que em breve despediu vendo que pintava melhor de que elles. Vinte mezes depois, a pintura da abobada estava acabada, representando os principaes factos do Antigo Testamento, e a capella foi patente solemnemente no 1.º de Novembro de 1512. Clemente VII pediu ao mesmo artista que pintasse o *Juizo final* na parede principal do altar-mór; e Paulo III tambem para o mesmo objecto foi a sua casa acompanhado de dez cardeaes. Oito annos depois, no dia de Natal de 1541, foi inaugurado este primor d'arte. Para o levar a effeito teve Miguel Angelo de fazer apagar tres quadros de Perugino. As pinturas dos outros lados da capella Sixtina, mandada edificar por Sixto IV, foram feitas por Signorelli, Perugino, Botticelli, Pinturicchio, Ghirlandaio, e outros afamados pintores.

Os paramentos do altar d'esta capella, bem como os do papa, são de inestimavel preço. Guardam-se n'uma sacristia proxima, e na qual tambem ha muitos calices de oiro; as estatuas dos doze apóstolos em prata, e de tamanho natural, além d'outras preciosidades de grande valor.

Do salão real passa-se a outro chamado ducal. E n'este que o papa faz na quinta-feira santa o lavapés a doze padres. Está egualmente adornado com quadros dos melhores autores. Para descrever todos que ha n'este palacio seria mister um volume; o que é facil de comprehender, por quanto tendo o edificio dez mil casas, todas ellas estão adornadas de pinturas.

Vinte pateos, oito grandes escadas, e duzentas de serviço particular, podem dar uma idéa da extensão dos edificios, que no todo formam o que se chama o Vaticano.

Tres ficras de porticos sobrepostos correndo pelos tres lados do pateo de S. Damaso, são o que se chama as *camaras de Raphael*. Se Paulo II e Bramante conceberam a idéa de ornar este pateo com um portico, a honra da execução, em plano mais grandioso, coube a Leão X e a Raphael. Foi este grande artista que riscou e fez executar o plano d'estas construcções; foi elle que desenhou para o primeiro andar, e fez executar por Giovanni, admiraveis pinturas, chamadas *grotescos*, que o tempo quasi tem completamente apagado; foi elle que desenhou tambem para o segundo andar, as cincoenta e duas historias da Biblia, que foram pintadas por Julio Romano, Pierigrino del Vaga, Raffalino dei Colle, Francesco Penni (le Fattore), e Pelegrino da Modena. O exímio artista só pintou por sua mão, na arcada principal, o Eterno separando a luz das trevas. Giovanni d'Udina, e Pierigrino del Vaga pintaram os grotescos das paredes e das pilastras. O tempo, e as successivas restaurações quasi que tem destruido completamente as côres primitivas d'estas pinturas.

O terceiro andar foi pintado cincoenta annos depois, e assim tambem as duas galerias dos porticos feitos sob o pontificado de Gregorio XIII, pelo mesmo plano do lado executado sob as ordens de Raphael. Pomerancio, Tempesta, Brilli, e o cavalheiro d'Arpini vincularam n'aquelle andar seus nomes.

São em grande numero as galerias do Vaticano, onde estão encerrados os thesouros da arte. Vamos enumeral-as.

Entrando no primeiro andar das *camaras de Raphael*, ha primeiro um vasto e longo corredor, nas paredes do qual estão incrustadas innumeras inscrições da Roma do paganismo, e da Roma christã. Estas ultimas estão acompanhadas geralmente dos signos symbolicos que usavam os primitivos christãos nas epochas das perseguições que os disimavam. Em todo o comprimento d'esta galeria, cheia de interesse para o sabio, estão altares, sarcophagos, e vasos funerarios. N'uma parte d'ella, reuniram-se, em grande numero, monumentos do culto de Mithra, achados nas excavações feitas em Ostia.

A celebre bibliotheca do Vaticano, acha-se no extremo d'esta galeria.

O grande museu de escultura antiga, o *Museu Chiaramonti*, fundado por Pio VII, acha-se logo em seguida. Tanto o pavimento, como as paredes são forradas de marmore, e com ricos mosaicos antigos. A architectura monumental é do melhor gosto.

Segue-se o *Museu Pio Clementino*, que é prolongação d'aquelle, e que contém egualmente construcções monumentaes distribuidas e decoradas com muito gosto. Daniel de Volterra pintou os arabescos do vestibulo quadrado. O vestibulo redondo, cheio de nichos onde estão estatuas, que são primores de arte, e ornado com um magnifico tanque de marmore branco, e um precioso relógio antigo, deixa gosar da sua saccada, justamente chamada o *Belvedere*, uma admiravel vista de Roma. A camara de Meleagro vae dar á celebre escada em espiral de Bramante.

O pateo do Belvedere, que lhe fica por baixo, está cercado de dezeseis columnas de granito e de porticos, cujos gabinetes conteem primores de arte de inestimavel preço. N'um d'estes gabinetes está a celebre estatua de Apollo de Belvedere, encontrada nas ruinas do palacio das Thermes de Nero, em Antium. Os quatro porticos abertos que separam estes gabinetes estão cheios de preciosos baixos relevos, grandes sarcophagos, muitas banheiras de basalto preto ou granito, bellas estatuas, e ricas columnas.

Vê-se depois o *Salão dos animaes*, cujo nome indica seu especial destino, e cujo pavimento é coberto de mosaicos analogos.

A *galeria das estatuas* contém egualmente uma inapreciavel colleção do respectivo genero; e a sua ornamentação é digna das riquezas que encerra.

A *Camara dos bustos*, dividida em tres compartimentos por pilastras e columnas com placas de amarello antigo, contém entre todos os seus primores d'arte, um Jupiter de dimensões colossaes.

A *Camara das mascarar* está sustentada em oito columnas e oito pilastras de alabastro. Angelis foi quem pintou a abobada; o pavimento é ornado de mosaico. Esta camara vae dar a um vasto terraço com varanda, nas paredes do qual estão incrustados muitos objectos de arte.

O *Salão das musas*, decorado com seis columnas de marmore de Carrara, sobrepostas de capiteis antigos; com o pavimento incrustado de mosaicos antigos; e tendo as paredes ornadas de preciosos baixos relevos, não é menos rico do que os outros em obras de arte. As musas colossaes, que ahi estão, e que deram nome ao salão, provêm, excepto uma, das excavações feitas em Tivoli.

O *Salão redondo* foi construido no tempo de Pio vi. Franzoni foi quem executou os magnificos capiteis das suas seis pilastras canelladas, em marmore de Carrara. Em roda estão collocados grandes bustos. No meio do salão vê-se, collocado sobre quatro pés de bronze doirado, um vasto tanque de bello porphyro, feito de uma unica peça, e que mede de circumferencia quinze metros.

O *Salão da cruz grega* é notavel pelos sarcophagos de santa Helena, mulher de Constantino, e de santa Constança, sua filha. Estes sarcophagos são mui grandes, e feitos de uma só peça de porphyro vermelho. Os lados estão ornados com baixos relevos. O pavimento do salão é de mosaico de grande valor. A porta que dá entrada para este salão mede mais de vinte pés, e o seu entablamento descansa sobre duas grandes esphinges. Tem egualmente dois vasos no entablamento, e um grande baixo relevo, em granito vermelho egypcio. A sua architectura é a melhor que se pode imaginar de monumental.

Duas grandes esphinges em granito indicam logo a entrada do *Museu egypcio*, creado no tempo de Gregorio xvi, e cujos monumentos originaes foram fornecidos pela Roma antiga. Ahi se vê grande numero de marmores colossaes, esmaltes, pedras, bronzes, papyrus hieroglyphicos, e mumias. Pio vi fez ahi executar por Simoniti uma magnifica escada, ornada de vinte columnas e vinte pilastras de granito vermelho, que dá accesso pelos seus quatro arcos interiores, para o museu, para o jardim, para a rua, e para a bibliotheca. Duas columnas de *cipollino* adornam esta esplendida porta. A abobada de tão admiravel escada sustenta-se em oito columnas de grande riqueza.

O *Museu etrusco*, fundado por Gregorio xvi, contém uma rica collecção de estatuas, bronzes, alabastros, vasos etruscos, joias, braceletes, aneis, collares, e mais obras de delicado einzel.

A *Galeria dos candelabros* está dividida em

seis casas, cada uma das quaes tem um excelente candelabro antigo, de marmore. E consagrada á esculptura, como todas as mais de que acabamos de fallar.

A *Galeria das tapessarias* contém vinte e duas tapessarias tecidas em Arras, pelos cartões que Raphael desenhou, em 1515 e 1516. Representam os successos mais importantes relatados no Evangelho, e na vida dos apóstolos. Os principaes factos historicos que tem relação com a familia dos Medicis estão figurados, em pequenas proporções, nos quadros de cada uma d'estas tapeçarias, que são realmente primores no seu genero.

A comprida *Galeria das cartas geographicas*, encerra todas as dos diversos estados da Italia, sendo feitas mesmo nas paredes. Esta galeria é obra de Gregorio xiii.

O *Museu dos quadros*, ou *Pinacoteca*, encerra unicamente quarenta quadros; mas todos elles são primores de arte, e tem as assignaturas de Raphael, Dominiquino, Julio Romano, Andrea Sacch, Guido Reni, Miguel Angelo Caravaggio, Ticiano, Pedro Valentim, Guerehin, Pinturicchio, Correggio, Melozzo, Perugino, Benvenuto Garafalo, Mantegna etc.

Finalmente para concluir com a excursão ao Vaticano, entremos nas *Cameras de Raphael*, essas quatro casas que Sixto iv fez decorar pelos mais afamados pintores da Italia, então rainha das artes, e cujas pinturas Julio ii fez obliterar, quando Raphael pintou n'uma d'ellas a *Disputa do Santo Sacramento*. Foram então estas quatro camaras pintadas de novo pelo grande artista, ou pelos seus discipulos conforme os desenhos que lhes deu. A ultima é mui vasta, e contém quatro grandes quadros a fresco, que são enlevos de olhos e de admiração.

Desejamos enumerar aqui os muitos primores de arte da estatuaria e pintura que estas galerias contém; porém isso é impossivel. Alguma coisa diremos, comtudo, da magnificencia da mobilia do palacio.

O oiro e a prata brilham por toda a parte. A lã, a seda, as côres, estão ahi manejadas com tanta delicadeza e subtileza, que se não sabe qual admirar mais, se a riqueza da materia, se a destreza do artista.

Os quartos de sua santidade são, no inverno, forrados de velludo encarnado com galões de oiro; e no estio, de damasco carmesi com franja de oiro. O seu gabinete está cheio de raridades. Na camara de dormir, ha uma pedra branca, transparente, representando a Virgem, e o Menino Jesus. Avalia-se n'um milhão.

A bibliotheca do Vaticano é bella e ampla. Foi creada pelo papa Nicolau v. Augmentou-se depois com a bibliotheca palatina, de que o duque de Baviera fez presente ao papa Gregorio xv, em 1622, depois da tomada de Heidelberg; e com a bibliotheca do duque de Urbino, que Alexandre vii herdou do duque d'esse titulo. O numero de livros é prodigioso; e contém dezeseis

mil manuscriptos gregos e latinos. Os mais estimados, entre os manuscriptos gregos, são: uma Biblia antiga, sobre a qual se corrigiu a versão dos setenta (ahi se vê, na primeira epistola de S. João, a passagem onde falla das tres pessoas da Santissima Trindade); o Evangelho escripto pela mão de S. Chrysostomo; as Actas dos Apostolos escriptas em caracteres de oiro (presente da rainha de Chypre ao papa Innocencio VIII). Este manuscripto estava enriquecido de pedraria, que foi roubada no ultimo saque de Roma. Tambem ha ahi uma chronica de Alexandria, que talvez seja a unica que existe no mundo, e foi trazida de Messina no seculo XVI.

Os manuscriptos latinos não são nem menos antigos, nem menos curiosos. Entre outros ha um Virgilio enriquecido de pinturas em miniatura, representando tão perfeitamente os sacrificios e costumes dos antigos pagãos, que se pode suppor que semelhante obra foi feita no tempo do paganismo. O volume de Terencio não é tão antigo. Tambem ha a minuta dos annaes de Baronio; e muitos manuscriptos de S. Thomaz, e S. Carlos Borromeu; uma obra que trata dos sete sacramentos da igreja romana, e que foi escripta contra Luthero, por Henrique VIII de Inglaterra, antes do seu scisma. Ha egualmente uma collecção de cartas d'este principe dirigidas a Anna Bolein; uma Biblia alemã, que se diz traducção de Luthero, e escripta pela sua propria mão. Para formar esta immensa bibliotheca, uma das mais ricas da Europa, o papa Nicolau V fez colleccionar, por distinctos sabios, todos os monumentos litterarios da Europa e da Asia.

O edificio que encerra estes livros e manuscriptos não é menos digno da attenção do viajante, por causa da sua architectura, e bellas pinturas que o embellezam. Foi obra de Sixto V, como o diz uma inscripção collocada sobre a porta. N'um dos lados do salão estão representados os concilios; e do outro, os actos mais notaveis da vida de Sixto V. Sobre os pilares que sustentam este vasto edificio, estão retratados os primeiros inventores da typographia. Ha tambem na bibliotheca uma columna de alabastro transparente, muito curiosa; e procede de um templo que se descobriu ha trezentos cincoenta annos no local onde n'outras eras foi o jardim de Salustio.

Finalmente os jardins do Vaticano são maravilhosos. Tem agradaveis ruas cobertas, e bordadas com arbustos e lorangeiras; grande copia de bustos, e estatuas antigas; lindissimos jogos d'agua; e lagos em que voga uma galera armada em guerra.

### O MAR CASPIO.

Astrabad, a antiga Hyrcania, sobre a costa sul do mar Caspio, é uma das mais pequenas,

e comtudo a mais importante das provincias da Persia. O shah considera-a como pertencendo-lhe em patrimonio particular. A capital, Astrabad, eleva-se sobre o Astor, rio que desagua no mar Caspio. Astrabad é governada por um membro da familia do shah. O soberano da Persia occulta aqui, segundo se diz, o seu thesouro metalico, e as suas joias. As fortificações, sem terem grande desinvolvimento, são de muita resistencia. Astrabad conta vinte cinco mil habitantes.

O mar Caspio mede, no seu comprimento, setecentas milhas, e na sua maior largura quatrocentas e vinte milhas. N'elle não ha marés; comtudo ás vezes são ahi tão fortes os ventos, que as aguas refluem, e elevam o nivel a mais quatro ou cinco pés.

Apesar das difficuldades que apresenta a navegação do mar Caspio; tem sido navegado em todo o tempo. Patroclo atravessou-o; Pedro o Grande levou ahi a sua esquadra. O commercio recolheu n'este ponto grande copia de rublos; e não ha mar que seja mais productivo para os pescadores. Os salmões d'estas paragens são de qualidade superior; e os arenques em tanta abundancia, que, quando ha tempestade, as margens do Ghilan e do Masanderan ficam litteralmente cobertas d'ellas.

### COSTUMES DOS SIAMEZES.

Os siamezes passam tres quartas partes da sua existencia na agua. O primeiro acto apenas começam o dia é entrar n'um banho; pelas onze horas voltam a tomar outro, e depois ás tres horas, e ainda ao pôr do sol. E' raro ver passar uma hora no dia em que os logares apropriados aos banhistas não tenham os seus freguezes. As creanças andam sempre no rio, como na Europa estão brincando nas ruas. Vi uma mulher siameza, sentada de frente de sua porta, olhando com toda a indifferença para o filho, que apenas sabia andar, e já se andava divertindo n'agua.

Uma vez o nosso guigue, construido em Inglaterra, encontrou uma barca, tripulada por uma mulher e uma creança. Não sei como, abalroámo-la, e fizemo-la voltar. Foi grande a nossa afflicção, e preparavamo-nos já para nos lançar a nado em seu soccorro, quando os vimos reaparecer, nadando cada um para seu lado; dirigirem-se para a barca, que fluctuava a alguma distancia; entrarem outra vez n'ella; e afastarem-se tão socegadamente como se tivessem de boa vontade tomado o banho a que os obrigámos.

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos *Os dissipadores*, por Alfredo Hogan. — Preço 400 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.